

A GUERRA DO PARAGUAI EM NOVOS CAMPOS DE BATALHA

Ana Paula Squinelo

Mestre em História e professora do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso - *Campus* Universitário de Rondonópolis e dos cursos de Turismo e Secretariado Executivo Trilíngüe do Centro de Ensino Superior de Rondonópolis - CESUR. e-mail: apsquinelo@bol.com.br

Efetuada a divisão do antigo Mato Grosso, em 1979, o novo estado, Mato Grosso do Sul, nascia “órfão” de seu passado histórico; conseqüentemente, os memorialistas sul-mato-grossenses deram início a uma escrita da história onde privilegiaram homens e episódios. Nesse contexto a Guerra do Paraguai foi um dos temas escolhidos para fundamentar a construção da história que se gestava, bem como o episódio nacionalmente imortalizado como Retirada da Laguna. Heróis destemidos e episódios monumentais deram vida a essa escrita, como também a atribuição, a ruas, avenidas, praças e prédios públicos, de nomes ligados ao conflito platino complementaram o anseio de se criar uma memória desejável para o estado recém-criado e, ao mesmo tempo, favorável às elites dominantes. Sendo assim, discuto Tradição, Memória e Guerra do Paraguai na história sul-mato-grossense. Este artigo é fruto de uma pesquisa que se encontra em andamento e apresenta, portanto, resultados preliminares.

Palavras-chave: Memória, Guerra do Paraguai, Mato Grosso do Sul.

According to the division of Mato Grosso, in 1979; The new State, Mato Grosso do Sul, was born the orphan of the historic pass, consequently the south-mato-grossenses writers began a history written where they privilege men and episode. In this context the Paraguai War was one of the subject chosen to go into details about the historic construction that had began. Like the time of the mortalized nationally like Retirada da Laguna. Brave heroes and monuments of time gave life to these parts history, also like the contribution of names of streets, avenues, parks public buildings that are linked to the plane conflicts that complemented the desire to create a desirable memorial to the recent-developed State, and at the same time, favorable to the dominant group. Being so, they discuss Tradition, Memory and the Paraguai War was in the south-mato-grossense history. This article is a fruit of a research that is being carried out; and is not finished. It has presented final results.

Key words: Memory, Paraguai War, Mato Grosso do Sul.

Mato Grosso do Sul apresenta-se como um estado novo na federação, tendo sido desmembrado do antigo Mato Grosso em 1979. Efetivada a divisão, o novo estado ficava, aparentemente, sem história, tendo em vista que toda a estrutura política, administrativa e jurídica, bem como documentos e escritos, ficaram em posse da capital do anterior estado uno, Cuiabá. Nesse sentido, seus memorialistas viram-se diante de uma necessidade e, ao mesmo tempo, de um impasse, qual seja, o de gerar uma história que fosse coerente com os desígnios da elite dominante sul-mato-grossense.

Neste contexto foi fundado no ano de 1978 o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul¹, tendo como fins:

1. incentivar os estudos históricos e geográficos sobre Mato Grosso do Sul;
2. estudar e divulgar a história e a geografia de Mato Grosso do Sul;
3. buscar o conagraçamento com representantes da cultura nacional e estadual².

Estes fins permitem-me apontar a constante preocupação com os estudos, sobretudo históricos, de Mato Grosso do Sul. Sendo assim, autores como Acyr Vaz Guimarães, José Barbosa Rodrigues, Hildebrando Campestrini, Demosthenes Martins, Melo e Silva, entre outros, deram início a uma escrita da história sul-mato-grossense que elegia personagens e acontecimentos, oferecendo ao estado uma história com caracterís-

¹ Anteriormente à criação do Estado de Mato Grosso do Sul existia a Academia de Letras e História. Nesta, realizada a divisão, dos estados, ocorreu uma cisão, sendo fundada a Academia sul-mato-grossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.

² Informações que constam em seu Estatuto datado de 25 de setembro de 1988.

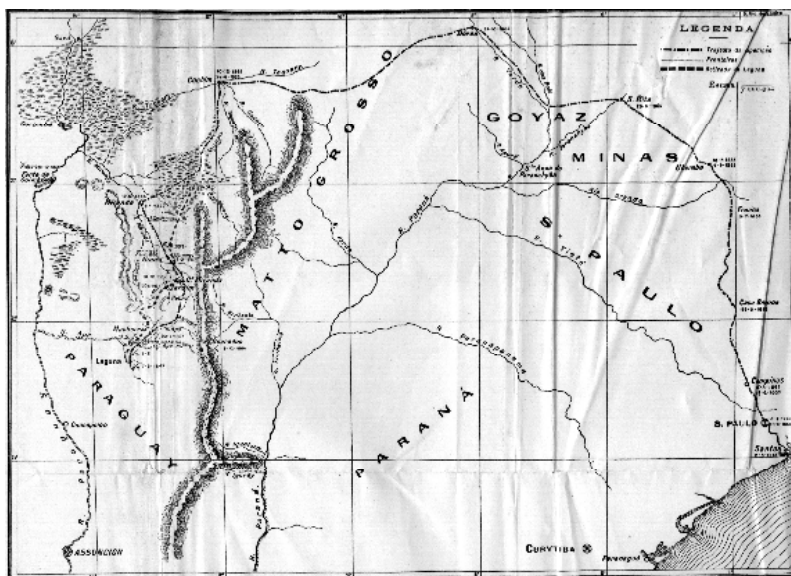
ticas peculiares: a apresentação de uma fauna e flora exuberantes; a idéia de que o povo sul-mato-grossense descende dos “intrépidos e destemidos” bandeirantes paulistas; o enfoque do solo mato-grossense como palco de disputa entre bandeirantes, espanhóis e jesuítas. Abordam, ainda, a presença da Empresa Matte Larangeira na região; enfatizam a luta pela divisão e, finalmente, elencam como elemento fundamental de nosso passado histórico o episódio da Guerra do Paraguai, ocorrida entre os anos de 1864 a 1870³. Este evento justificou grande parte da história do estado, sendo que esteve e permanece presente na memória⁴ da população sul-mato-grossense.

A Guerra do Paraguai foi privilegiada como elemento que teria contribuído para a construção de um passado histórico repleto de glórias, heróis, epopéias, batalhas e acontecimentos singulares. Essa escolha pode ser explicada pelos acontecimentos que tomaram o antigo Mato Grosso, ou seja, o episódio que ficou nacionalmente conhecido e imortalizado na obra de Alfredo d’Escragolle Taunay como *A Retirada da Laguna*. Entre os anos de 1865 e 1867 a província mato-grossense tornou-se palco de Guerra, tendo sido ocupada pelos paraguaios em fins de 1864. Para expulsar as tropas guaranis

³ Utilizo as expressões Guerra do Paraguai e Guerra como sinônimos. Não há consenso em torno da denominação do conflito, mas esta é uma questão que merece uma nova pesquisa, pois está relacionada com a vida política das duas principais nações envolvidas, Brasil e Paraguai.

⁴ A memória, segundo Jacques Le Goff, “é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e da sociedade de hoje, na febre e na angústia”. Quanto à memória coletiva, que é a que mais me interessa, Le Goff a vê como “um instrumento e um objeto de poder”. Ver: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão e outros. Campinas: Unicamp, 1990, p. 476.

do território nacional o Império organizou uma expedição que partiu de São Paulo e engrossou suas fileiras em Minas Gerais e Goiás tendo como destino o sul de Mato Grosso. No entanto, as forças imperiais estiveram sujeitas desde seu início a inúmeras dificuldades, tais como falta de víveres, uniformes, armamentos, médicos e comando capacitado, discórdias e indecisões de superiores. Estes problemas foram agravados em solo mato-grossense, tendo em vista o desconhecimento da geografia e clima da região.



Fonte: TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *A Retirada da Laguna*, 1921.

Território percorrido pela coluna expedicionária brasileira entre os anos de 1865 e 1867.

A Retirada caracterizou-se como um dos maiores fracassos da história militar brasileira; no entanto, ganhou novos contornos, especialmente nos escritos de Taunay, em particular em sua obra *A Retirada da Laguna*. Apropriando-se da visão gestada por este escritor os memorialistas sul-mato-

grossenses legaram à posteridade uma visão do conflito repleta de episódios monumentais e guerreiros destemidos. A partir dessa concepção muitos desses heróis representam, hoje, verdadeiros mitos locais, embora a maioria não tivesse nascido no antigo território mato-grossense. Camisão, Guia Lopes e Antônio João, entre inúmeros outros, retratam na atualidade o espírito do herói sul-mato-grossense.

Entretanto, tais ocorrências em solo mato-grossense marcaram sobremaneira o processo histórico regional, levando os memorialistas regionais a privilegiarem esses acontecimentos. Iniciaram assim, o que Hobsbawm denominou de “tradição inventada”, que se caracteriza por ser:

“(...) um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através de repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.” (HOBSBAWM, 1997:9)

Essas tradições inventadas, ainda segundo o autor, ocorrem quando

“(...) uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as ‘velhas’ tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta.” (HOBSBAWM, 1997:12)

Em nosso caso as transformações significativas pelas quais o estado recém-criado passava justificaram a construção de sua história, como também a de tradições, que inauguraram a prática ufânica em torno dos eventos e personagens ligados à Guerra do Paraguai.

O supracitado historiador inglês concluiu seu pensamento classificando as tradições em três categorias:

“(...) a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento”. (HOBSBAWM, 1997:17)

A opção pelo conflito platino na escrita da história sul-mato-grossense justifica-se, seguindo a reflexão proposta por Hobsbawm, na medida em que o conflito permite criar a idéia de uma coesão social (a), legitimando, ainda, as instituições, *status* e relações de autoridade recém-criadas com a divisão (b), além de permitir a propagação de idéias, valores e padrões de comportamento (c), no caso sul-mato-grossense, aqueles que representam uma elite dominante. Neste sentido, cabe a todo cidadão conhecer o heróico passado de seu Estado e aos escritores mais que conhecer, deve ser legada a tarefa de registrar esse passado. Escrever sobre a Guerra tornou-se então, um prazer e um dever.

Paralelamente à “invenção das tradições” verifico a preocupação de preservar a memória da Guerra; para isso, procedeu-se à criação de monumentos, à conservação de sítios históricos, à atribuição, a ruas, avenidas, praças e prédios públicos, de nomes relacionados com os episódios e personagens do conflito.

Armando de Arruda Pereira, autor da obra ***Heróis abandonados! Peregrinação aos lugares históricos do sul de Mato Grosso*** publicada em 1925, evidenciava nesta data sua preocupação com a preservação da memória da Guerra, sobretudo dos episódios e “heróis” ligados à Retirada da Laguna. Arruda Pereira esteve em Mato Grosso por volta de três anos como primeiro engenheiro inspetor da Companhia Construtora de Santos. Teve

a seu cargo a administração da construção de todas as obras militares e, por isso, percorreu os locais que foram palcos da Retirada da Laguna. Visitou Dourados, Bela Vista, Jardim, Miranda, Nioaque, Aquidauana entre outras localidades.

Ainda no início do século XX o depoimento de Arruda Pereira demonstrou o fascínio que o episódio da Guerra despertava e a preocupação em canalizar a ação governamental para recuperar os restos mortais dos retirantes e criar um “panteão e/ou monumento” para abrigar o que representava a existência desses heróis. O trecho a seguir atestou sua satisfação ao narrar a construção de um dos monumentos aos retirantes da Laguna:

“Coube à Companhia Constructora de Santos construir, dentro da verba destinada às edificações militares em Mato Grosso, o monumento aos retirantes da Laguna. O presidente da companhia, dr. Roberto Simonsen, que largamente advogou a idéia de uma homenagem a esses bravos, propoz ao ministro o alvitre do chefe da comissão fiscalizadora das obras, capitão engenheiro dr. Mario Pinto Peixoto da Cunha, isto é, que o monumento se erigisse em Nioac, na sua praça principal, onde ficaria entregue á guarda da população. Foi Nioac, como já tivemos ocasião de dizer, o ultimo ponto de acções militares com o inimigo, como também a séde do commando, sendo, portanto, local apropriado para nelle ser levada a effeito a homenagem suggerida.

O monumento, trabalho auxiliar do architecto Jules Mosbeux, antigo e propecto auxiliar da Companhia Constructora de Santos, foi executado em arenito rosa, da serra de Maracajú e consta de um embasamento plano, de arestas vivas, tendo nos cantos quatro granadas superpostas”. (PEREIRA, 1925:56-57)

Com a mesma satisfação registrou, ainda, a construção de outro monumento este em homenagem a Alfredo d’Escragnonle Taunay, localizado em Aquidauana, em frente ao quartel

“(…) que hoje abriga soldados da mesma arma a que pertenceu Taunay, graças á clarividência e actividade assombrosa do dr. João Pandiá Calogeras, e por escolba do sr. general Candido Marianno Rondon, então director do serviço de Engenbaria do Exercito, mandou o actual

governo, pela Companhia Constructora de Santos, erigir um obelisco em homenagem ao Visconde de Taunay.

Alli ao lado da serra e do rio que elle explorou e descreveu com tanta belleza, se ergue o monumento em sua homenagem. Feito em arenito branco, sobre a base de fôrma redonda, assenta uma columna triangular, e, em duas das suas faces, duas placas de bronze.”(PEREIRA, 1925:60)

A postura do autor foi corroborada pelos memorialistas sul-mato-grossenses que ao longo do século vinte trabalharam em função da recuperação e preservação dessa memória; em conseqüência, encontramos atualmente no estado sinais de um passado que insiste em manter-se presente, fazendo parte de nossa memória, seja individual ou coletiva.

OS ESPAÇOS DA MEMÓRIA: RUAS, AVENIDAS, MONUMENTOS E PRÉDIOS PÚBLICOS REMEMORAM A GUERRA DO PARAGUAI

As sociedades recordam seus feitos passados de inúmeras formas, resguardando suas tradições e criando outras, registrando a história desejada e não a de fato ocorrida e, ainda, preservando sua memória de uma maneira sutil, atribuindo nomenclatura a ruas, avenidas, praças e prédios públicos, que preserva fatos e nomes criteriosamente selecionados, favorecendo, assim, a instituição de uma memória desejável. Segue-se, ainda, a criação de monumentos comemorativos, pois os “fantasmas-heróis” devem deixar de ser fantasmas, fazendo parte da vida cotidiana, mantendo-se vivos na memória da população. No caso da Guerra do Paraguai essa materialização se dá em dois espaços: aqueles destinados aos “heróis” e aqueles às “batalhas”.

Neste sentido, aponto que nos lugares que foram palco da Guerra há indícios desse desejo de se criar uma história repleta de heróis e feitos heróicos. Inúmeras cidades no estado possuem monumentos, ruas, avenidas e prédios públicos que fazem referência a episódios ou personagens ligados à

Guerra do Paraguai. Os “espaços das batalhas” estão representados em nomes de ruas e avenidas, tais como: Riachuelo, ocorrida em 11 de junho de 1865; Passo da Pátria, em 05 de maio de 1866; Tuiuti, em 24 de maio de 1866; Curuzú, em 03 de agosto de 1866; Curupaiti, em 22 de setembro de 1866; Humaitá, em 05 de agosto de 1868; Itororó, em 06 de dezembro de 1868; Lomas Valentinas, em 27 de dezembro de 1868.

Nos “espaços destinados aos heróis” as ruas e avenidas homenageiam: Duque de Caxias, que assumiu o comando-em-chefe das forças brasileiras terrestres e navais em outubro de 1866; Visconde de Taunay, que participou do episódio da Retirada da Laguna como ajudante da comissão de engenheiros; Cel. Camisão, terceiro comandante da coluna com destino ao sul de Mato Grosso; Cel. Juvêncio, que integrou a expedição organizada para expulsar as tropas guaranis de território mato-grossense; Guia Lopes da Laguna, que acompanhou a coluna na ocupação paraguaia e, conseqüente, na Retirada, como “guia”; Benjamin Constant, que participou do conflito platino, primeiro na fiscalização de alimentos e, depois, atuando na comissão de engenheiros; Mal. Floriano Peixoto, que atuou na campanha do Paraguai e, posteriormente, foi Presidente da República; Antônio João, comandante da pequena Colônia Militar dos Dourados, que morreu em conseqüência da ocupação paraguaia; Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero, comandante do Forte de Coimbra; Frei Mariano, religioso instalado em Miranda, que foi aprisionado pelos paraguaios; Barão de Melgaço, que teria sido responsável por impedir a ocupação paraguaia em Cuiabá; Capitão Antônio Maria Coelho, que liderou a retomada de Corumbá; D. Pedro II, Imperador do Brasil à época da Guerra. General Osório, Manoel Cavassa, José Rodrigues Benfica, Ten. Cel. Sampaio, Conde d’Eu, Coronel Frederico Carneiro de Campos e Tamandaré foram igualmente personagens lembrados.

No que diz respeito às datas relativas a eventos da Guerra encontrei o 13 de junho, referente à retomada de Corumbá, sob as ordens de Antônio Maria Coelho, em 1867.

Realizando um primeiro levantamento apresento as seguintes informações em relação a algumas das cidades sul-mato-grossenses que foram palco ou não da Guerra:

Aquidauana: Preserva a memória da Guerra em suas ruas e avenidas: Duque de Caxias, 13 de Junho, Riachuelo e Antônio João. E, também, possui um monumento erigido em homenagem ao Visconde de Taunay.



Fonte: TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *A Retirada da Laguna*, 1921.

Monumento ao Visconde de Taunay erigido em Aquidauana em 1923, por ordem do Governo Federal.

Antonio João: Cidade que leva o nome de um dos heróis mais cultuados pelos sul-mato-grossenses. Possui o Parque Histórico da Colônia Militar dos Dourados que

“(...) foi fundada em 10 de maio de 1861, localizando-se, atualmente no município de Antônio João. Os paraguaios ocuparam-na em dezembro de 1864, provocando a morte de seu comandante, o Tenente de cavalaria Antônio João Ribeiro, que contava, apenas, com um reduzido efetivo militar. Hoje o turista pode visitar aquele município e conhecer o busto e o túmulo do herói mato-grossense.” (SQUINELO, 2000:13)

Bela Vista: Atual fronteira do Brasil com o Paraguai, palco de investidas deste e destino daquele. Rememora a Guerra em suas ruas e avenidas, tais como: Duque de Caxias, Coronel Camisão, Visconde de Taunay, 13 de Junho, Guia Lopes, General Osório, Barão de Melgaço, Voluntários da Pátria, Antônio Maria Coelho e, ainda, mantém um Cemitério com restos mortais de protagonistas da Guerra.

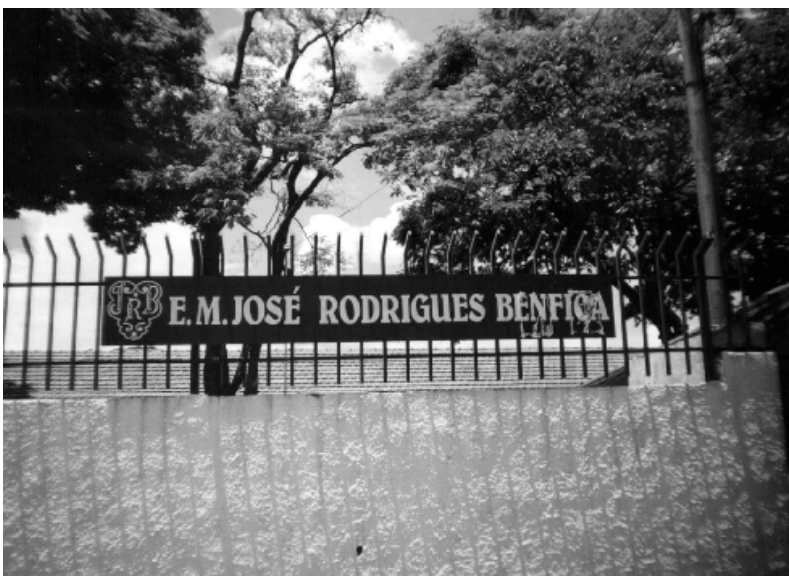
Campo Grande: A Guerra do Paraguai foi um “divisor de águas” para o processo histórico do antigo Mato Grosso, tendo em vista que, entre outros acontecimentos, após o conflito intensificou-se, sobretudo a migração para o sul da província. Nesse sentido, a capital de Mato Grosso do Sul preserva a memória da Guerra, privilegiando em suas ruas e avenidas nomes, batalhas e acontecimentos, como, por exemplo: Antonio João, Antônio Maria Coelho, Barão de Melgaço, Coimbra, Coronel Camisão, Curuçú, Curupaiti, Duque de Caxias, Frederico Carneiro de Campos, Guia Lopes, Humaitá, Laguna, Lomas Valentinas, Marechal Floriano, Pedro Alcântara, Porto Carrero, Riachuelo, 13 de Junho, Tuiuti, Visconde de Taunay, Voluntários da Pátria, Paissandu e Tamandaré. Há, também, as seguintes Escolas Estaduais: Guia Lopes e Riachuelo e a Escola Municipal José Rodrigues Benfica.

Foto: Ana Paula Squinele



Rua Guia Lopes - Campo Grande - Mato Grosso do Sul.

Foto: Ana Paula Squinele



Escola Estadual em homenagem a José Rodrigues Benfica, gaúcho e ex-combatente da Guerra do Paraguai - Campo Grande - Mato Grosso do Sul.

Corumbá: Em fins de 1864 as tropas paraguaias ocuparam o sul de Mato Grosso, tomando o Forte de Coimbra e, posteriormente, a cidade de Corumbá. Esta foi retomada somente em 13 de junho de 1867, sob a liderança de Antônio Maria Coelho. Dos momentos da Guerra preserva em suas ruas e avenidas a memória de heróis brasileiros e o 13 de junho. São exemplos: Antonio Maria Coelho, Antônio João, 13 de Junho, Manoel Cavassa, Portocarrero, Frei Mariano, Paraguay, General Osório, D. Pedro II, Mal. Floriano, Barão de Melgaço e a Escola Antonio Maria Coelho.

Coxim: Cidade que foi palco da Guerra no episódio da Retirada da Laguna. Primeiramente, a coluna organizada pelo Império tinha como objetivo alcançar Cuiabá; no entanto, seu destino foi alterado e teve em Miranda a nova direção a ser atingida. Para tanto, a passagem por Coxim tornava-se obrigatória. Segundo Taunay,

“A força chegou ao Coxim no dia 20 de dezembro, sob o comando do coronel Galvão, recém-nomeado comandante-em-chefe e promovido, pouco depois, ao posto de brigadeiro.

Destituído de qualquer valor estratégico, o acampamento de Coxim encontrava-se pelo menos a uma altitude que lhe garantia a salubridade. Contudo, quando a enchente tomou os arredores e o isolou, a tropa sofreu ali cruéis privações, inclusive fome.

Após longas hesitações, foi necessário, enfim, aventurarmo-nos pelos pântanos pestilentos situados ao pé da serra; a coluna ficou exposta inicialmente às febres, e uma das primeiras vítimas foi seu infeliz chefe, que expirou às margens do rio Negro; em seguida, arrastou-se depois penosamente até o povoado de Miranda.” (TAUNAY, 1997: 40)

A cidade mantém viva atualmente em suas ruas e avenidas a memória da Guerra: Floriano Peixoto, Antônio João, Almirante Barroso, Ten. Gel. Sampaio são protagonistas do conflito que foram homenageados. Na praça Silvio Ferreira, no centro da cidade, encontra-se, também, um obelisco em homenagem aos Retirantes da Laguna.



Obelisco em homenagem aos Retirantes da Laguna – Coxim –MS.

Na frente está a inscrição: Aos intrépidos oficiais e praças da 'Constância e do Valôr', que, tendo como comandantes o Coronel Manoel Pedro Drago, Brigadeiro José Antonio da Fonseca Galvão, Coronel Carlos de Moraes Camisão e Major José Tomaz Gonçalves, constituíram por ocasião da Guerra do Paraguai, a heróica Fôrça Expedicionária de Mato Grosso, Homenagem da 9ª Região Militar. 24-VI-1941.

Atrás lê-se: Desta localidade, onde, com ânimo forte e moral alevantada, receberam a ordem do governo Imperial do Brasil para desalojar o inimigo ocupando o município de Miranda, partiram os valorosos soldados do Brasil que, no cumprimento do dever escreveram as páginas imortais da Retirada da Laguna. 20-XII-1865 a 24-VI-1866.



Rua Antônio João – Coxim - Mato Grosso do Sul.

Dourados: Localizada ao sul do estado apresenta as seguintes ruas e avenidas cujos nomes mantêm viva a memória da Guerra: Mal. Floriano Peixoto, Gen. Osório, Guia Lopes, Visconde de Taunay, Benjamin Constant, Humaitá, Duque de Caxias e Riachuelo. Uma estátua de Antônio João representando a posição em que fora baleado encontra-se na praça Antônio João acompanhada de uma inscrição registrando suas palavras: *“Sei que morro mas o meu sangue e o de meus companheiros servirão de protesto solene contra a invasão do solo da minha pátria”*. Essas palavras foram escritas em um bilhete que o comandante da Colônia Militar dos Dourados teria enviado antes da ocupação paraguaia a um de seus superiores.

Guia Lopes da Laguna: O nome da cidade homenageia o guia que, por ter prestado serviços pontuais ao Império brasileiro, guiando a coluna, dispondo seus bens e víveres a esta, foi assim imortalizado por Taunay:

“(...) De uma sobriedade quase absoluta, viajava dias inteiros sem beber, levando na garupa do cavalo um saquinho de farinha de mandioca, amarrado ao pelego macio que lhe forrava a sela; tinha sempre à mão um machado para cortar palmitos.” (TAUNAY, 1997:56-57)

E ainda:

“(...) Conhecia perfeitamente os campos que confinam com o rio Apa, fronteira do Império com o Paraguai; havia explorado certas localidades virgens até então nunca pisados pelo homem, mesmo selvagem; (...)” (TAUNAY, 1997:57)

Em Guia Lopes da Laguna, além do Guia suas ruas e avenidas prestam homenagem aos seguintes protagonistas do conflito platino: Visconde de Taunay, Mal. Floriano Peixoto e Cel. Juvêncio.

Jardim: Nesta cidade suas ruas e avenidas rememoram expoentes e batalhas da Guerra: Duque de Caxias, Coronel Camisão, Antônio João, Tuiuti, Antônio Maria Coelho, Guia Lopes e Cel. Juvêncio. A cidade, possuiu, também, uma Escola Estadual que leva o nome do Cel. Juvêncio e o Cemitério Militar dos Heróis da Laguna que foram abatidos pelo cólera.

Miranda: A coluna com o objetivo de expulsar as tropas paraguaias saiu de Coxim rumo à localidade de Miranda. Taunay relatou suas impressões quando da chegada à cidade:

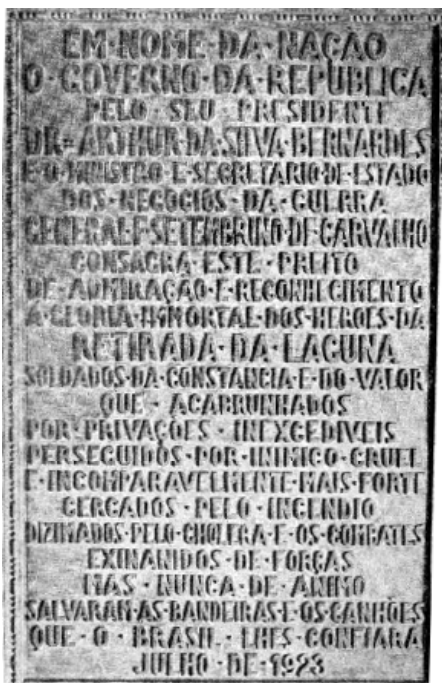
“Encontramos Miranda destruída. Os paraguaios incendiaram a vila antes de se retirar: parte das construções fora queimada, mas havia nelas sinais inequívocos de uma decadência anterior ao incêndio e que se seguira a uma época inicial de desenvolvimento e prosperidade. Outrora a população de Miranda devia ter sido numerosa. Algumas residências ainda permaneciam de pé, e, no lugar de uma antiga fortaleza, um quartel outrora sólido mas agora bastante danificado pelo fogo, fechava uma praça de onde partiam duas ruas que terminavam no átrio da igreja paroquial, ladeadas ambas por casas quase contíguas.” (TAUNAY, 1997:43-44)

Miranda, ocupada e saqueada pelos paraguaios, foi, ainda, local onde as tropas brasileiras passaram quando objetivavam alcançar o sul de Mato Grosso. Atualmente pre-

serva parte desse momento histórico, como, por exemplo, nas seguintes nomenclaturas de ruas e avenidas: 13 de Junho, Benjamin Constant e Mal. Floriano Peixoto.

Nioaque: Diante de todas as dificuldades encontradas pela coluna expedicionária em Coxim e Miranda, ela partiu, então, para a cidade de Nioaque. Taunay deixou registrado que *“Desejavam agora um clima salubre, que lhes restaurasse as forças e os pusesse em condição de agir; encontrariam este socorro em Nioaque.”* (TAUNAY, 1997:47). Neste local, a coluna passou a contar com mais um componente, José Francisco Lopes, que serviu daquele momento em diante como guia da expedição. Nioaque assim como Miranda foi palco da Guerra, tendo sido atravessada pela coluna imperial na ida rumo à fronteira paraguaia, bem como na posterior Retirada. Destes

tempos relembram-se em suas ruas e avenidas os seguintes participantes do conflito platino: Benjamin Constant, Visconde de Taunay, Cel. Juvêncio, Cel. Camisão, Guia Lopes da Laguna e D. Pedro II. Vale lembrar que existe na cidade um monumento dedicado aos Retirantes da Laguna.



Fonte: TAUNAY, Alfredo d'Escragno. *A Retirada da Laguna*, 1921.

Placa dedicatória do Monumento à Retirada da Laguna, em Nioaque.

Através desta reflexão, posso afirmar que a história gestada no estado de Mato Grosso do Sul após efetuada a divisão esforçou-se por criar uma memória que privilegiasse uma elite dominante e esta, para isso, apropriou-se de determinados episódios com o intuito de resgatar um passado heróico como mecanismo de justificação das ações do presente. Comprovam o fato os locais reservados à preservação da memória que pude averiguar em algumas cidades sul-mato-grossenses. De qualquer maneira, reviver a Guerra em espaços como ruas, praças, monumentos ou prédios públicos é transferi-la para novos campos de batalha e comungar de um passado do qual essa elite sente-se protagonista e herdeira.

BIBLIOGRAFIA

ALAMBERT, Francisco. *Civilização e barbárie, História e cultura – Representações culturais e projeções da “Guerra do Paraguai” nas crises do 2º Reinado e 1ª República*. 1999. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. Lembranças de velhos. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMPESTRINI, Hildebrando e GUIMARÃES, Acyr Vaz. *História de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande-MS: Gráfica e Papelaria Brasília, 1991.

CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta Editora, 1993.

DORATIOTO, Francisco. *A Guerra do Paraguai: 2ª visão*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

———. *O conflito com o Paraguai*. A Grande Guerra do Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. *Memória social*. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1994.

GUIMARÃES, Acyr Vaz. *A Guerra do Paraguai*. Verdades e mentiras. Campo Grande-MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1998.

———. *Mato Grosso do Sul, sua evolução histórica*. Campo Grande-MS: UCDB, 1999.

———. *Seiscentas léguas a pé*. Campo Grande-MS - Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, outubro de 1988.

- HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Berbarado Leitão e outros. Campinas: Unicamp, 1990.
- MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.). *Guerra do Paraguai – 130 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- MARTINS, Demosthenes. *A poeira da jornada (memórias)*. Campo Grande-MS, s/d.
- . *História de Mato Grosso*. Os fatos, os governos, a economia. São Paulo: Vaner Bicego, s/d.
- MELO E SILVA. *Canaã do Oeste*. Sul de Mato Grosso. Campo Grande-MS: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, novembro de 1989.
- PEREIRA, Armando de Arruda. *Heróis abandonados*. Peregrinação aos lugares históricos do Sul de Mato Grosso. São Paulo: Seção de obras d' "O estado de São Paulo", 1925.
- REYNALDO, Ney Iared. *Comércio e navegação no Rio Paraguai (1870-1940)*. 2000. Dissertação. (Mestrado em História e Sociedade). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo.
- RODRIGUES, José Barbosa. *Histórias da terra matogrossense*. São Paulo: Editora do Escritor, 1983.
- . *História de Mato Grosso do Sul*. São Paulo: Editora do Escritor, 1984.
- SQUINELO, Ana Paula. *A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...* Ensino, memória e história de um conflito secular. 2001. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus* de Dourados.
- . A Guerra do Paraguai na história de Mato Grosso do Sul: possibilidades de aproveitamento turístico. *Portal do Turismo*, Coxim-MS, v. 1, n.1, p. 9-16, ago. 2000.
- . A "heróica" Retirada. *Jornal Folha do Povo*. Campo Grande-MS, 21 de janeiro de 2001, p. 19.
- . Guerra em tempos de Mercosul. *Folha do Povo*. Campo Grande-MS, 07 de janeiro de 2001, p. 19.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragolle. *A Retirada da Laguna*. Episódio da Guerra do Paraguai. Tradução de Afonso de E. Taunay. São Paulo: Melhoramentos, 1921.
- . *A Retirada da Laguna*. Episódio da Guerra do Paraguai. Tradução e Organização de Sérgio Medeiros. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (Retratos do Brasil)
- . *Memórias*. São Paulo: Melhoramentos, s/d. (volume VI)

VOVELLE, Michel. *Imagens e imaginário na história*. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. Tradução de Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1997. (Série Temas – volume 42)

ZORZATO, Osvaldo. *Conciliação e identidade. Considerações sobre a historiografia de Mato Grosso (1904-1983)*. 1998. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DOCUMENTOS AVULSOS

- Ata nº 1 – Fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Campo Grande-MS, 03 de março de 1978.

- Estatuto do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Campo Grande-MS, 25 de setembro de 1988.